

## Ano-Novo, vida nova (CONTARDO CALLIGARIS)

**UMA LEITORA**, que me autoriza a citar seu e-mail, mas prefere que seu nome não seja mencionado, pergunta: "Gostaria de saber sua opinião sobre parceiros que simplesmente somem, desaparecem mesmo, sem deixar rastro. Cancelam telefones, e-mail, conta no Skype e somem, sem se despedir, sem nem mesmo um MSN. E não falo de um relacionamento de alguns dias, mas de anos. Oito para ser mais precisa. Nem falo de um adolescente, mas de um homem de 57 anos.

Ele foi trabalhar no Oriente Médio, num alto cargo, a empresa fechou e ele desapareceu. Não morreu, não foi sequestrado por terroristas. (...) O que leva alguém a agir assim? Obrigações econômicas não estão em jogo". A cada ano, mundo afora, há centenas de milhares de pessoas que somem e nunca mais dão notícias a familiares e amigos.

Quando se trata de adultos sem obrigações jurídicas (dívidas ou pensões alimentícias, por exemplo), a polícia descobre, eventualmente, o novo paradeiro ou a nova identidade de quem sumiu, mas só o próprio desaparecido pode autorizá-la comunicar estas informações aos parentes e amigos de sua vida, digamos assim, "anterior".

No passado, nesta página, se me lembro direito, já assinei o fato de que, estranhamente, em geral, quem some não vai longe: acaba numa cidade parecida com a que ele abandonou, a poucos quilômetros de distância. Também, na maioria dos casos, o desaparecido reconstrói uma vida próxima da vida da qual ele fugiu -encontra um ofício parecido com o que ele praticava e cria uma família similar à que deixou.

Essa "constância" nos surpreende porque imaginamos que, em regra, alguém suma por querer uma vida nova. Por alguma razão, o caminho gradativo, que consistiria em se despedir, fazer as malas, fechar as contas etc., pareceria impraticável ou insuficiente aos olhos de nosso fugitivo: talvez ele tenha esperado demais e sua paciência excessiva (para com os outros ou para consigo mesmo) exija, de repente, uma explosão, um corte sem conversa alguma. De qualquer forma, supomos (ingenuamente) que, se alguém decidiu sumir, foi para mudar radicalmente.

De fato, como disse antes, os desaparecidos acabam reconstruindo uma vida parecida com a anterior ao seu sumiço, e isso nos leva à conclusão oposta: talvez quem some não queira mudar de vida -então, ele some por quê?

Conheci pouquíssimos que sumiram, mas conheço muitos que expressam a vontade de sumir. Todos explicam sua vontade da mesma forma: trata-se de fugir de exigências impossíveis de serem satisfeitas. Mas, cuidado: "Eles me pedem demais" é a tradução projetiva de "eu me peço demais". Quem foge das exigências do mundo está quase sempre fugindo das exigências que seu próprio desejo lhe coloca. Vamos agora ao que acontece com quem decide sumir apenas para alguém -um familiar (se não a família inteira) ou um parceiro.

Às vezes, é justificada a sensação de que, sem um sumiço, uma relação se eternizaria pela simples dificuldade de qualquer um dos dois reconhecer que acabou. Onde está a covardia, e onde a coragem? Não sei. Talvez haja covardia em não conseguir declarar que um amor terminou, assim como talvez haja covardia na incapacidade de escutar essa declaração. Há a covardia de quem some e também de quem sobra, quando ambos parecem precisar do sumiço de um dos dois para aceitar que a história chegou ao fim.

Há covardia também em fingir que a relação continua, quando ela já morreu. Alguém, aliás, pode sumir para fugir de sua própria covardia, que o mantém calado, ou para fugir da covardia do outro, que não quer ouvir uma frase de despedida.

Seja como for, muitas vezes, alguém acaba uma relação e some porque o que era (e talvez ainda seja) seu desejo se transformou numa exigência intolerável.

Funciona assim: um dos jeitos de nos autorizarmos a querer o que desejamos consiste em transformar nosso desejo numa obrigação. Desejar é mais fácil (embora menos alegre) quando imaginamos desejar a mando de algum outro. O problema é que esse desejo, facilitado por ser mandatário, logo aparece como uma exigência da qual, eventualmente, vamos querer fugir.

Meu voto para o Ano Novo: que nos preocupemos menos em mudar nossas vidas e encontremos jeitos de conseguir desejar o que já desejamos sem transformar nosso desejo em obrigação.

## **Demônios no espelho (LUIZ FELIPE PONDÉ)**

**NÃO, NÃO** acho que o homem seja em si mau. Não creio num "em si" do homem. Refiro-me a "homem" como espécie e não como gênero. Prefiro a palavra "sexo" porque ela tem cheiro de "peso" do corpo (e para mim, tem cheiro de corpo de mulher) e a palavra "gênero" tem cheiro de assembleias militantes cheias de gente chata, feia e autoritária. Assembleias manipulam todo mundo para votar no que elas querem. Sim, eu fiz parte do movimento estudantil e estava em 1979 no Centro de Convenções em Salvador no congresso de "reconstrução" da UNE. Baseado em experiências como essas é que sempre julgo infantil quem acredita em "decisões coletivas e democráticas". Risadas... Voltando ao que queria dizer, não acho que o homem seja mau em si.

Acho que somos sim uma espécie atormentada, perdida num espaço minúsculo de sua alma insegura e incerta e num espaço gigantesco de um universo escuro e cego. Esmagada entre um destino certo (a morte, a derrota) e opaco (algo nele depende dramaticamente de nós, mas nunca sabemos em qual medida).

Acusam-me de niilista. Reconheço que há algo de chique nisso. A medicina antiga já relacionava a melancolia à inteligência, não? Alguns apostam em traumas infantis avassaladores na minha infância. Devo tê-los muitos. Mas minha família nunca deteve o monopólio da miséria humana. A miséria humana é um "bem" dividido democraticamente entre todas as famílias que são, cada uma de sua forma, todas infelizes.

Sou daqueles que suspeitam que os traumas, as obsessões e taras é que dão consistência a uma personalidade e não os contos da Branca de Neve ou do Papai Noel, ou os bons sentimentos porque estes quase sempre são falsos. Aliás, a Branca de Neve é mais "atraente" nos momentos de agonia do que quando desperta com o beijo do príncipe. E o Papai Noel fica mais interessante quando teme que finalmente tornou-se velho demais e por isso não consegue carregar mais presentes. Será ele ainda amado se não trazer mais presentes ou afundará na solidão como a maioria dos idosos "sem uso"?

Mas hoje ficou na moda dizer coisas do tipo "encontre Papai Noel em seu coração e você terá esperanças". Que horror que é ver a "inteligência" parasitada pelo oportunismo da autoajuda, se vendendo barato como brinquedo feito na China.

Sim, sofremos, mas não me interessa nem pelo sobrenatural, nem por "brinquedos chineses". Prefiro soluções pontuais para os grandes dramas da vida. Pagar um bom terapeuta, ir ao cinema, ler um bom livro, arriscar um beijo na hora certa, tomar um bom antidepressivo quando a coisa pega, levar o filho ao médico quando ele tem febre, rezar (para quem o faz) quando nada mais funciona, apostar no mistério da vida quando cansamos da banalidade do cotidiano.

Contra a mediocridade da literatura de autoajuda travestida de "psicologia" para as massas infelizes, prefiro a psicologia de Ingmar Bergman, o grande cineasta sueco. No seu maravilhoso filme "Fanny e Alexander", de 1982, o bispo da cidade (da igreja protestante), o "malvado" da história, se casa com a bela e recém viúva, mãe de Fanny e Alexander.

Na cena em que ele já agoniza diante da morte, ele inveja a capacidade da esposa de ter "tantas máscaras" diante da vida, enquanto ele tem "apenas uma", aquela monstruosa que vemos ao longo do filme: um homem cruel, que usa o ministério religioso como forma de destruição da vida ao seu redor. Em desespero, ele confessa que muitas vezes tentou arrancar essa máscara do rosto, mas nunca conseguiu porque ele já não tinha rosto sem ela.

Ele não é "mau em si". Ele é, como todos nós, inseguro, desamparado, abandonado num mundo que vaga sob uma abóbada azul vazia (imagem comum na obra de Bergman). Alguns sucumbem mais violentamente aos demônios do que outros. Alguns negam esses demônios dizendo que eles não existem. Eu prefiro vê-los no espelho todo dia porque eles são o meu rosto.

A literatura de autoajuda é apenas uma máscara vendida a R\$ 1,99. Miserável falta de respeito para com uma espécie que luta ancestralmente contra os próprios demônios.

[ponde.folha@uol.com.br](mailto:ponde.folha@uol.com.br) - Folha de São Paulo, janeiro de 2011

## **Onirokit (MÁRCIA TIBURI)**

*Onirokitsch* pode-se pronunciar *onirokit*. A sonoridade das palavras nos engana. O termo kit permite que imaginemos facilmente uma embalagem bem pensada como as usadas para organizar sachês de chá. Onirokit seria uma caixinha cheia de todas as drogas prontas a provocar em seus

usuários aquela sorte de efeitos mentais e psíquicos que conhecemos como alucinações. O termo kitsch, por sua vez, diz de uma espécie de antiestilo cuja característica também é causar efeitos.

Mas há mais no trocadilho do que supõe a filosofia: o que um organizado objeto de desejo – a pandórica caixinha cheia de drogas – teria a ver com a estética kitsch? Ora, as drogas provocam efeitos psicofísicos que nada mais são do que efeitos estéticos. Seja com o onirokit ou com o onirokitsch, estamos a falar do que age sobre a percepção humana. Drogas psicotrópicas e alucinógenas são aquelas que afetam nossa percepção. Do mesmo modo, produtos culturais afetam nossa percepção. Não é improdutivo, nesse sentido, perguntar se o fundamento da indústria cultural não seria a drogadição. Vejamos como.

Naquilo que Christoph Türcke chamou de “sociedade excitada”, está em jogo a natureza viciada e viciante da ordem social estética. Ora, toda droga é estética na medida em que atinge a corporal percepção humana. A injeção de estímulo estético na percepção coletiva até o ponto de transformar a realidade em uma forma de alucinação. Irônico é dizer que, no contexto da indústria cultural, revela-se que o que não pode ser vendido legalmente – drogas – pode ser vendido esteticamente. Mas a droga estética – em sentido lato – não é apenas o trash, ou a imensa gama de “sobras” no lugar do que entenderíamos como “obra” de arte, mas tudo aquilo que captura pelo efeito falso. Para além do fetiche, a mercadoria hoje é experimentada como drogadição. Podemos dizer que a atualíssima forma da mercadoria é, pois, o onirokit, um sonho barato que, visto de perto, faz pensar em alucinação. Caminho curto para o sonho. Diz-se kitsch para tudo que provoca um específico e contraditório efeito: do anão de jardim à estampa de oncinha. A contradição entre o material pobre e o efeito que se pretende rico – como em “pedras preciosas de plástico”. Tal efeito perturbou os sacerdotes do bom gosto que, irritados com imitações baratas, deram o nome à coisa. Para eles, kitsch é a estética do mau gosto: “coisa de pobre” ou, o que é pior, de “novo-rico”.

Mas o kitsch tem uma vasta clientela, como teria o onirokit caso pudesse ser vendido em quiosques de shopping center. O kitsch vem a ser a reconciliação das contradições do capitalismo que com ele tanto goza quanto se ressent. Como estética do resto, o kitsch está entre o trash e o luxo naquele momento em que o luxo não passa de desejo de causar efeito, mesmo que seja o efeito zero das lojas chiques. Onirokitsch foi o termo cunhado por Walter Benjamin para falar deste “caminho direto à banalidade” que prenunciava o conceito de indústria cultural de Adorno e Horkheimer. Benjamin falou de um sonho “adornado baratamente de frases feitas”. Hoje podemos pensar na televisão e nos shopping centers, enquanto ele pensava no cinema e nas Passagens de Paris. Substitutiva do sonho, a televisão é a principal máquina de produção do onirokitsch. Funcionando como caixinha organizada, não seria exagero chamá-la de onirokit. Mas já não carregamos esse kit, é o kit que nos carrega quando seu nome é sociedade do espetáculo. O espetáculo é o vício visual. A nova fissura.

A sociedade viciada em percepções quer emoções fortes. Quer sentir demais. E paga por elas não apenas correndo ao show de rock, ao cinema, ou pagando a TV a cabo, mas também indo à igreja que vende a fé como grande emoção. Mas há também uma mercadoria mais simples que garante a sensação. É o ornamento barato. O vício contemporâneo em decoração, na moda, no mundo fashion em geral, serve para acobertar a angústia com o espaço aberto do sensível, o deserto do real onde teríamos de colocar o sonho verdadeiro ao qual podemos ainda chamar de imaginação. Drogas ilegais não podem obviamente ser comercializadas, o mundo do capitalismo vende apenas o efeito da droga nas “sobras” que são as mercadorias culturais industrializadas. Se o *onirokit* não pode não ser legalizado, o onirokitsch acha rápido seu lugar. A violência da decoração de Natal dos shoppings e das grandes cidades é, por fim, o triunfo da alucinação no tempo da miséria da imaginação. O deserto do real é a esfera que a arte acaba por salvar em cada uma de suas ações mesmo quando a realidade não passa mais da terra de ninguém onde a fantasmagoria, as sombras da imaginação colonizada e assassinada, vem reclamar seu lugar.

[marciatiburi@revistacult.com.br](mailto:marciatiburi@revistacult.com.br) – Revista CULT, janeiro de 2011

## **Promessas devem durar mais do que as férias - SEXO & SAÚDE (JAIRO BOUER)**

ANO-NOVO, vida nova. Será? Como fazer com que as tradicionais promessas do começo do ano durem mais do que as férias de janeiro? Pois é, ano após ano, a gente jura que vai fazer mais esporte, comer menos porcaria e se proteger mais no sexo, entre outros tantos objetivos. Apostando que você

está curtindo o verão, a gente lista aqui algumas dicas para iniciar 2011 de bem com a sua saúde. Vamos lá!

1- Procure tomar cuidado com o sol. Protetor solar com FPS (fator de proteção solar) de nível 30 pelo menos meia hora antes de sair de casa é fundamental.

Reaplique a proteção caso entre na água ou transpire muito. Evite ficar ao sol entre 11h e 16h, já que nesse horário a incidência de radiação é maior. Mesmo quem não vai para a praia nem para a piscina deve se proteger do mesmo jeito.

2- Comece a fazer da atividade física uma parte da sua rotina. Mas, no verão, pegue mais leve. Não invente moda, correndo com o sol a pino. Não pode! Procure os horários mais frescos do dia para se exercitar! Na volta à vida normal, não se esqueça de que o importante no esporte é a regularidade.

3- Escolha alimentos mais leves. Evite gorduras, doces e frituras. Prefira alimentos crus ou preparados em casa aos industrializados. Cuidado com o excesso de sal, já que isso pode fazer mal para sua pressão! No verão, os alimentos estragam mais rápido. Cuidado com o que come na rua! Isso pode fazer muito mal para a sua saúde!

4- Beba com moderação (a gente volta a falar desse tema com mais profundidade na próxima semana). Mesmo na balada, não se esqueça da hidratação (água, sucos etc.).

Na praia, no calor, as bebidas alcoólicas aceleram sua desidratação.

5- Não se esqueça da camisinha. Não é porque resolveu fazer sexo na praia, no clube, no mar ou nas férias, que alguma coisa mágica vai mudar. Não muda! Risco é risco, e você deve se cuidar sempre. Boas férias!

[jbouer@uol.com.br](mailto:jbouer@uol.com.br) - Folha de São Paulo, janeiro de 2011

## **O governo Dilma conseguirá erradicar a pobreza no Brasil? NÃO**

### **Oso muito duro de roer (JOSÉ ELI DA VEIGA)**

**A POBREZA NÃO SERÁ** erradicada em poucos anos, por pior que seja definida mediante ínfimas "linhas" ou "patamares" de insuficiência de renda monetária. Como se faz nos Estados Unidos, onde o número de pobres tem oscilado entre 13% e 17% da população. Ao longo de um decênio, 40% das pessoas caem, em algum momento, abaixo da linha de pobreza. Mais: 58,5% serão pobres por ao menos um ano entre seus 25 e 75 anos.

Na Europa, prefere-se uma abordagem mais flexível: pobre é quem ganha menos de 60% da renda mediana nacional. (Atenção, "mediana", e não "média", como andam sugerindo por aqui). Apesar de melhor, não passa de outra versão da mesmíssima crença: de que para delimitar a pobreza basta que se convençione o valor da renda monetária divisória.

Todavia, como pobreza é privação de capacidades básicas, jamais deveria ser medida apenas com estatísticas de insuficiência de renda.

É pobre mesmo quem tiver boa renda monetária caso esteja impedido de convertê-la em vida decente. Por falta de saúde, de educação e de muitas outras carências.

Essa afirmação resulta de imensa quantidade de minuciosas pesquisas feitas por equipes de primeira linha junto às populações mais desvalidas do mundo. Foram sintetizadas no livro Desenvolvimento como liberdade, do prêmio Nobel Amartya Sen (Companhia de Letras, 2000). Principalmente no quarto capítulo, intitulado "Pobreza como privação de capacidades".

É leitura recomendável a quem acredite que só menos de um terço da população brasileira continue pobre porque em 2008 já não passavam de 28,8% os condenados a se virar com menos de meio salário mínimo. Basta outro dado bem objetivo para perceber que mais de metade da população permanece pobre: o acesso à rede de esgotamento sanitário. Não usufruem desse direito básico 56% da população total do país.

Falta de esgoto impacta a inteligência das pessoas por causa de infecções parasitárias na infância. Evidência consolidada por Christopher Epping e colaboradores no periódico científico "Proceedings of the Royal Society" e relatada nesta **Folha** pelo médico Drauzio Varella em sua coluna de 11/09/2010 ("Inteligência e pobreza").

O cérebro é o órgão do corpo humano que mais consome energia: 87% no recém-nascido, 44% aos cinco anos, 34% aos dez. As infecções parasitárias desviam energia para ativar o sistema imunológico. Repetidas diarreias até os cinco anos roubam do cérebro as calorias necessárias a seu desenvolvimento, comprometendo a inteligência para sempre. É pura ilusão, portanto, supor que não

sejam pobres pessoas que padeçam dessa catastrófica privação que é o permanente risco de contrair parasitoses, só porque tenham renda superior a "x" reais. Chega a soar como propaganda enganosa o uso desse tosco expediente para dizer que a pobreza está sendo erradicada. Esconde a inépcia dos governos em garantir saneamento.

O número de moradias insalubres diminuiu dez pontos entre 1995 e 2002 (de 59,1% para 49,5%), e mais cinco entre 2003 e 2008 (de 48,3% para 43%). Mantidos tais níveis de desempenho, a universalização do esgoto com tratamento só ocorreria em 2060. Se o investimento dobrasse e a produtividade aumentasse um terço, essa meta poderia ser atingida em 2024. Com razoável aumento do quociente de inteligência (QI) médio, chamado de "efeito Flynn". Em suma: seriam necessários quatro governos bem melhores que os de Lula para que a pobreza fosse minimizada.

---

**JOSÉ ELI DA VEIGA**, 62, é professor titular de economia da USP. Site: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br). - **Folha de São Paulo, janeiro de 2011**

## **O governo Dilma conseguirá erradicar a pobreza no Brasil? SIM**

### **Estratégia para o fim da miséria (FRANCISCO MENEZES)**

**A ERRADICAÇÃO DA MISÉRIA** foi anunciada por Dilma Rousseff como prioridade social do seu governo. O problema atinge ainda milhões de brasileiros e apresenta as mais variadas faces.

Famílias rurais sem condições produtivas, populações de rua nas grandes cidades, povos indígenas que perderam as terras, quilombolas carentes de serviços essenciais, idosos desassistidos, essas são apenas algumas das muitas caras da pobreza extrema. O fim da miséria exige respostas às diferentes formas do problema.

A tarefa é difícil, mas possível. Para isso, o governo que começa hoje deve orientar a sua atuação por três eixos estratégicos: uma política clara e com recursos suficientes, a gestão articulada dessas ações e a participação da sociedade para garantir a aplicação das medidas. Nos dois mandatos do presidente Lula, a principal ação nessa área foi o Bolsa Família.

O programa atacou o que é comum às distintas formas de pobreza, a insuficiência de renda, e retirou quase 10 milhões de pessoas dessa condição. Porém, para os cerca de 8 milhões restantes, a faixa mais pobre dos mais pobres, vai ser preciso mais.

É indiscutível que será a educação universal de qualidade que romperá o ciclo intergeracional da pobreza, mas tal resultado só virá a longo prazo e se o Estado garantir agora as condições para isso.

Assim, o Bolsa Família deve continuar e incorporar os que nele não ingressaram, e o valor transferido deve ser corrigido. A atual média de R\$ 95 mensais por família está aquém do necessário para os que não possuem outra renda estável.

O aprofundamento de outras iniciativas é indispensável. Habitação, saneamento básico, maior oferta e barateamento de transporte, o acesso à energia elétrica e iniciativas de inclusão produtiva são alguns dos itens de uma cesta básica para o resgate da miséria.

Ainda assim, não basta somar ações. Será decisiva a capacidade de potencializar os impactos dos programas, articulá-los numa perspectiva intersetorial, colocá-los um a serviço do outro.

Uma câmara social ativa, com ministros e secretários, sob a coordenação da Presidência da República, é crucial para a convergência e a otimização das iniciativas. Com os programas certos e integrados, falta o maior desafio: a disposição e a capacidade dos atores locais para aplicar as políticas nos territórios, e o acompanhamento público necessário para isso.

O governo não pode mobilizar a sociedade, mas deve abrir os espaços públicos à participação.

Investimento, gestão e participação social formam o tripé para a erradicação da miséria, para um processo inédito de constituição de cidadania no Brasil, cidadania que só existe de fato quando é para todos.

---

**FRANCISCO MENEZES** é diretor do Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, ONG fundada por Betinho). Foi presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). - **Folha de São Paulo, janeiro de 2011**

## O meio que falta (MAKHTAR DIOP)

**HÁ POUCOS DIAS**, a **Folha** abriu a sua Primeira Página com uma reportagem sobre como a "classe C" já compra mais eletrodomésticos do que as classes "A" e "B". O fato reflete um importante ponto de inflexão para o Brasil, especialmente neste momento, quando o país redobra o seu olhar para o futuro. De muitas maneiras, a presidente Dilma Rousseff enfrentará um contexto de desenvolvimento muito diferente dos seus antecessores.

Nas últimas duas décadas, o Brasil deixou para trás muitos dos seus mais fundamentais desafios sociais e econômicos. Universalizou a educação básica, consolidou as bases fiscais para o crescimento, o investimento e a geração de empregos e reduziu a pobreza em dezenas de milhões de pessoas.

São conquistas enormes. Mas, paradoxalmente, a própria envergadura dos feitos torna o caminho à frente mais desafiador. É como um edifício: quanto mais alto, mais difícil construir cada novo andar. Assim, o Brasil enfrenta novas questões para eliminar completamente a pobreza, oferecer oportunidades para todas as crianças e expandir a infraestrutura de maneira sustentável e planejada. Esses desafios exigem o contínuo fortalecimento das instituições e da capacidade de investimento da iniciativa privada, o que vem ocorrendo.

Ao mesmo tempo, embora as enormes conquistas sociais e econômicas dos últimos anos tenham beneficiado principalmente os pobres, elas ainda não foram capazes de eliminar as desigualdades básicas do país, tanto entre o Norte e o Sul quanto entre as periferias e os bairros nobres das grandes cidades. A diferença de renda entre os 10% mais ricos e os 10% mais pobres ainda é enorme, de 4.400%. Assim, a manchete da **Folha** ressalta tanto a persistência desses desafios quanto o avanço que está ocorrendo. Ela é um reflexo da falta no Brasil de muitos "meios", lacunas entre extremos. O Brasil precisa abordar essas distorções, que ameaçam o potencial do país.

Agora que quase todas as crianças frequentam a escola básica, mais acesso e qualidade no ensino secundário tornam-se cruciais para a competitividade do Brasil.

Há uma lacuna evidente entre a educação básica e a universitária, o que limita as oportunidades de milhões de jovens. Da mesma forma, o Brasil desenvolveu um setor privado altamente produtivo. Contudo, quase não há ascensão de empresas pequenas e médias para competir com as grandes. Elas não conseguem desenvolver a produtividade e ter acesso ao financiamento. Muitas iniciativas que são promissoras se perdem pelo caminho.

A melhor tradução da falta desses "meios" é a própria classe média. Tendo crescido substancialmente, ela ainda permanece muito aquém do seu potencial, principalmente em termos dos serviços a que tem acesso.

O Brasil continua a tirar as pessoas da pobreza e precisa redobrar a expansão das oportunidades e das instituições para a nova classe média - que vai além da renda. Sob esse prisma, o país continua muito dividido entre ricos e pobres. O Brasil aliou avanços econômicos e sociais, baseando seu crescimento sobre a demanda interna e as pessoas que saem da pobreza.

É uma agenda essencialmente brasileira, mais um estágio na jornada para se tornar país desenvolvido. Abordar os diversos "meios" que lhe faltam será forma eficiente de enfrentar a nova geração de desafios e garantir que todos se beneficiem das novas oportunidades.

Que a "classe C" compre sempre mais eletrodomésticos, carros, casas, educação e saúde para os seus filhos - e que isso seja o normal, e não que justifique manchetes.

---

**MAKHTAR DIOP**, 50, economista, é diretor do Banco Mundial para o Brasil. Foi ministro da Economia e Finanças do Senegal. - **Folha de São Paulo, janeiro de 2011**

## Camisinhas ao alcance (TORY OLIVEIRA)

Projeto de distribuição gratuita de preservativos na rede pública de ensino gera polêmica. Foto: Alan Marques/Folhapress

### Projeto de distribuição gratuita de preservativos na rede pública de ensino gera polêmica

**INSTALADA NO PÁTIO**, no corredor, no banheiro ou mesmo na enfermaria da escola, uma máquina semelhante às utilizadas para vender refrigerantes e salgadinhos pode ser a fonte em que alunos do Ensino Médio da rede pública poderão conseguir pacotes de preservativos. Este cenário será realidade caso vingue o projeto piloto para instalar máquinas automáticas de distribuição de camisinhas nas escolas. Fruto de parceria entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, a iniciativa faz

parte do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), que conta com o apoio de órgãos como a Unesco e o Unicef.

“A escola é mais um espaço para o jovem ter acesso aos insumos de prevenção e à informação também”, explica Nara Vieira, do Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais, órgão ligado ao Ministério da Saúde. Trazer a camisinha para dentro da escola é apenas uma das ações do SPE, cujo objetivo global é promover a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, ao articular políticas públicas que tornem os jovens menos vulneráveis a doenças sexualmente transmissíveis e à Aids. Contribuir para a redução dos índices de evasão escolar causados pela gravidez na adolescência também é uma das metas do programa. “A partir do momento em que há uma máquina dispensadora de preservativos na escola, sem dúvida ela vai despertar interesse para discutir sobre o tema da prevenção.”

O projeto prevê a instalação das máquinas apenas em estabelecimentos de ensino que façam parte do SPE, ou seja, que já realizem ações educativas e discussões sobre prevenção e sexualidade com a comunidade escolar. De acordo com o Censo Escolar de 2008, cerca de 60 mil escolas de Ensino Básico participam do programa e 11 mil distribuem de alguma forma o preservativo para seus alunos. “A máquina vai ser apenas um facilitador, não vai implicar mudança alguma dentro da escola”, esclarece Ellen Zita, assessora técnica do Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais. Segundo Ellen, um dos objetivos da ideia é harmonizar as formas de distribuição do preservativo. Assim, a máquina não funcionaria como um elemento isolado, mas, sim, como um complemento de um projeto pedagógico maior.

Aluno do terceiro ano do Ensino Médio, Renan Souza Meira, 18 anos, faz coro com uma pesquisa realizada em 2005, na qual foi constatado que 89,5% dos estudantes consideram a disponibilização de camisinhas no ambiente escolar “uma ideia legal”. “Acho ótimo. Vai evitar o constrangimento de precisar ir até uma farmácia para comprar”, defende. A mesma pesquisa, feita com 102 mil estudantes em 14 estados, revela ainda que o principal motivo alegado por 42,7% dos estudantes para não usar o preservativo é não tê-lo na hora H – cerca de 10% deles declararam ainda que não têm dinheiro para comprá-lo.

Seis escolas públicas do Ensino Médio em Santa Catarina, na Paraíba e no Distrito Federal receberão as 40 primeiras máquinas para ser testadas dentro do ambiente escolar. Os protótipos são de tecnologia 100% nacional e foram desenvolvidos a partir de um concurso (Prêmio de Inovação Tecnológica) lançado em 2007 para todos os Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) do Brasil. Foi de Santa Catarina que saiu o protótipo de máquina mais bem avaliado, escolhido para ser usado no projeto.

As máquinas oferecerão preservativos masculinos de dois tamanhos aos alunos, mediante a apresentação de uma senha e do número de matrícula. O número de preservativos disponíveis para cada aluno ainda não foi estabelecido e será decidido de acordo com os resultados dessa primeira experiência, prevista para durar seis meses. “O contexto de cada escola vai modificar o projeto inicial. Não existe fórmula mágica”, explica Ellen Zita.

## **MUDANÇA DE PARADIGMA**

Além de ser uma forma de sistematizar as diferentes formas de distribuição do preservativo nas escolas, oferecer camisinhas gratuitamente, por meio de uma máquina automática, facilita o acesso do jovem ao preservativo, uma vez que evita que ele deixe de adquirir o produto por falta de dinheiro ou embaraço de precisar pedir para terceiros ou ir até um posto de saúde retirar a camisinha.

No terceiro ano do Ensino Médio, Verônica Nogueira, 17 anos, acha que a instalação da máquina em escolas pode contribuir também para iniciar um debate em torno do assunto. A estudante acredita que, apesar do estranhamento inicial de pegar camisinhas “na frente de todo mundo”, a máquina poderia tornar o processo de aquisição do produto mais fácil. Aluna de um colégio particular em São Paulo, Verônica não tem aulas de educação sexual. “Eu sinto muita falta, acho que eles deveriam tirar mais dúvidas da gente.” De acordo com a estudante, o assunto “sexo” só é abordado na aula de Biologia, mesmo assim “muito por cima”.

Para a sexóloga Maria Cláudia de Oliveira Lordello, o adolescente em geral tem acesso ao conhecimento de que é preciso usar camisinha e outros métodos anticoncepcionais, a fim de evitar a gravidez e a contaminação por DSTs. Ainda assim, os anos de campanhas massivas a respeito da importância do uso do preservativo parecem não ter sido capazes de modificar alguns comportamentos típicos da adolescência. Talvez seja por isso que, quando o assunto é camisinha, a prática acaba se

provando muito diferente da teoria. Um dos motivos, de acordo com a especialista, é o pensamento do "comigo não acontece". "Trata-se de um olhar bem típico dessa fase. O adolescente sente-se protegido, onipotente, e não tem muita consciência das consequências de seus atos", explica. Ainda assim, a maior presença do preservativo no cotidiano do adolescente ajuda a contornar esse tipo de caso.

Outro problema constatado é a resistência de certos setores da sociedade, alimentada pelo pensamento, equivocado, na opinião da sexóloga, de que falar sobre sexo com os jovens estimularia de alguma forma um comportamento sexual mais precoce. "Isto não é real. Muito pelo contrário. Quanto mais se fala, menos curioso e proibido o assunto se torna." Apesar da impressão de que hoje o sexo é encarado com mais naturalidade pela maioria, Maria Cláudia lembra que ainda é complicado para muitas pessoas entender o sexo como algo prazeroso – e não só como uma forma de reprodução. A origem de tal pensamento estaria na repressão sexual experimentada durante séculos pela sociedade ocidental, que só começou a ensaiar uma abertura a partir da revolução sexual dos anos 60. "A mudança de conceito do sexo reprodutivo para o sexo prazeroso está sendo difícil. Esta ainda é a principal dificuldade que os pais encontram na hora de falar com seus filhos sobre sexo", explica. Apesar desse tipo de reação, a realidade apontada por pesquisas é de que a população brasileira inicia sua vida sexual por volta dos 15 anos. Outro dado apontado é que praticamente a metade – 44,7% – dos estudantes já possui vida sexual ativa. "A existência da máquina de camisinha atesta justamente isso, que os jovens fazem sexo por prazer e não só para se reproduzir", afirma a sexóloga.

Revista Carta na Escola, janeiro de 2011

## **Nunca antes na história deste país... (MALU FONTES)**

**A PARTIR DESTA SEMANA**, uma personagem inusitada na cena política recente passará a circular, independentemente de sua vontade, no palco do poder nacional: a primeira-mãe, Dilma Roussef, uma senhorinha fluminense fina, elegante, bem vestida e nos trinques, muito da bonitinha para seus 86 anos e aparentemente discreta. Sim, Dilma Roussef, a verdadeira Dilma, pois a outra, a presidente da República, a primeira mulher a ocupar esse cargo no país (e não venham com a tese imbecil da Princesa Isabel em seus dias de princesa), já foi devidamente colocada no lugar nominal pela própria primeira-mãe: "A verdadeira Dilma Roussef sou eu. A outra é Dilminha". Dona Dilma tem tudo para se tornar uma personagem televisiva e tanto.

Sim, José Sarney, quando presidente, tinha mãe viva, Dona Kiola, e Fernando Collor também, Leda Collor, que acabou sucumbindo a um derrame, ao coma e à morte diante das fortes emoções vividas com a tempestuosa descida ribanceira abaixo do filho insolente que anunciava ter o saco roxo. Mas, como a figura doméstica de fundo dos presidentes da República são as primeiras-damas, a discrição de Dona Marly Sarney e a breguice espalhafatosa e dentuça de Rosane Collor nunca deixaram um espacinho sequer para as duas mães acima citadas, a não ser quando adoeceram e morreram, já fora do tempo de poder dos respectivos rebentos.

**MITO E GADJETS** - Como "nunca na História deste país" houve uma mulher na Presidência da República e ainda calhar de esta ser solteira, ou seja, sem a versão do cavalheiro que ocuparia o equivalente doméstico das primeiras-damas, supõe-se que espaço para as aparições de Dilma-mãe no circo da mídia que cobre o poder, não faltará. Como a presidente tem uma filha única e esta reside em Porto Alegre, o protagonismo da primeira-mãe no Planalto tem tudo para ser um fato corriqueiro na imprensa nos próximos anos.

Após oito anos no poder e deixando-o com índices de popularidade que se aproximam da unanimidade, a estrela onipresente da semana televisiva foi Lula. Para além e aquém da empatia estrondosa junto à população ou da ojeriza que continua a causar em sua dúzia de ferozes detratores, é fato que, como personagem e mito, 'nunca antes na História deste país', para usar o seu bordão mor, houve um presidente-personagem como Luís Ignácio Lula da Silva, seja pela própria natureza ímpar de sua trajetória pessoal, seja pelo oportunismo histórico de estar no poder num tempo sócio, econômico e cultural em que a tecnologia dobrou uma esquina espetacular do mundo, revolucionando, amplificando e imortalizando indefinidamente a publicização, através de gadjets do mais sofisticados aos mais baratos, tudo o quanto é fala, palavra escrita, imagem, deslize, gafe, tragédia, comportamento, ato e performance, beneficiando em alta escala o volume de registros midiáticos do presidente que veio literalmente do povo.

Não fosse a Internet, as redes sociais, os blogs e os celulares que registram, capturam, espalham e exacerbam os debates e comentários sobre tudo, o personagem Lula seria o mesmo, e do

mesmo tamanho, mas não se pode dizer o mesmo de sua repercussão na cultura de massa e das leituras míticas e messiânicas que parte da população fez e faz dele. A midiaticização do fenômeno Lula foi tamanho que os setores da imprensa que passaram oito anos lhe apontando defeitos, afirmam sem dó nem piedade, nos últimos balanços que fazem do seu governo, que sua gestão não passou de mais do mesmo debruçada sobre os louros do Plano Real, de Fernando Henrique Cardoso, e sustentada preponderantemente na repetição aos quatro ventos de uma reputação triunfalista de um Lula mítico ungido pela máquina de propaganda do Palácio do Planalto.

**AEROLULA** - Na prática, as circunstâncias sócio-econômicas foram tão dadas para alavancar o mito Lula que até mesmo na última semana antes de apeiar-se do poder, no apagar das luzes do mandato, a economia brasileira experimentou uma avalanche de consumo jamais vista no Natal e Ano Novo, registrando um aumento médio de vendas superior a 40% em relação ao ano passado. Enquanto as velhas e as novíssimas classes consumidoras gozavam as delícias da ida às compras sem medo de endividar-se, Lula, confortavelmente instalado na persona do salvador dos mais pobres, escalava, a bordo do AeroLula, os cinco cantos do país, incorporando o ídolo das massas despedindo-se dos súditos entre lágrimas, agradecimentos, confissões intimistas acerca da solidão imposta pelo poder e falando pelos cotovelos, sempre na língua do povo.

Para coroar a troca de poder entre Lula e a filha da primeira-mãe Dilma Jane, a marca da emoção foi exacerbada pela fragilidade da saúde de um outro mito construído ao longo deste governo: o vice-presidente e sua resistência férrea a uma via crucis marcada por um câncer que nunca cessou e o levou a submeter-se a 17 cirurgias de grande complexidade e um sem fim de sessões torturantes de quimioterapia. Se alguém deste governo merecia cenas privilegiadas na festa cívica da rampa do Palácio do Planalto que sucedeu Lula com Dilma, era José de Alencar, o amigo Zé de Lula.

**MALU FONTES** é jornalista, doutora em Comunicação e Cultura e professora da Facom-UFBA. Texto publicado em 02 de Dezembro de 2011 no jornal A Tarde, Salvador/BA. [maluzes@gmail.com](mailto:maluzes@gmail.com)

## **Olho Grego - o pior regime, depois de todos os outros... (RENATO JANINE RIBEIRO)**

**NOSSO PERÍODO ELEITORAL** terminou: entre mortos e feridos, numa campanha que tinha tudo para ser uma discussão exemplar de ideias e projetos, mas que se degradou num festival de acusações, sobrevivemos. Sobreviveu a democracia brasileira.

Churchill tem uma expressão famosa sobre a democracia, que cito na íntegra: "Muitas formas de governo foram experimentadas e ainda o serão neste pecador e desafortunado mundo. Ninguém pretende que a democracia seja perfeita ou saiba tudo. Na verdade, já se disse que a democracia é a pior forma de governo, isso depois de todas as outras que foram testadas ao longo dos tempos". Ele a proferiu na Câmara dos Comuns, em 11 de novembro de 1947, dois anos depois de vencer a Segunda Guerra Mundial. Traduzindo a frase sobre a democracia, tentei preservar um pouco a sua ironia. Vamos lá. Muitos já mencionaram essa frase como se ela significasse que a democracia é a melhor forma de governo possível. Mas não é isso! Porque Churchill começa dizendo que ela não é uma forma de bom governo. Churchill não apenas nega à democracia a qualidade de ser um bom governo, como nega a própria possibilidade de existir um bom governo. Ora, o que isso significa?

**O buon governo.** Num painel em Siena, pintado entre 1337 e 1340, estão expostos o bom e o mau governo e seus respectivos resultados. Se o rei é bom e justo, tudo em seu reino floresce. Se ele é mau e tirânico, tudo fenece. Nesse afresco de Ambrogio Lorenzetti (que usamos em parte para ilustrar esse artigo), estudado com primor por E. H. Kantorowicz em seu *Os dois corpos do rei*, se mostra com a maior clareza como o buon governo do rei é a chave para a sociedade viver bem.

Não é exagero dizer que Churchill, em sua célebre frase, está afirmando que esse ideal medieval, fortemente embebido da religião cristã (mas poderia ser de qualquer religião), é impossível. Não há como realizá-lo, na prática, ainda mais quando a sociedade se torna complexa e deixa de ser a caixa de ressonância de uma única fé, um único poder, uma única hierarquia.

**O governo dos bons.** Existe, porém, uma ideia adicional de governo bom, que não é a da boa monarquia, mas a do poder exercido pelos melhores. A palavra grega *aristoi* significa, como a latina *optimata*, "os que são melhores", "os superiores em qualidade". Portanto, a aristocracia seria o

poder dos ótimos. Então, por que não ser governado pelos mais virtuosos e mais capazes? Por que não eleger os honestos e competentes?

Se o leitor reconhecer aqui temas que aparecem em todas as campanhas políticas brasileiras, terá razão. Hoje, temos três grandes famílias de valores políticos: o liberalismo, o socialismo (ou a preocupação social) e, ainda despontando, o crescimento sustentável. Mas muito pouco se discutiu sobre eles na recente campanha eleitoral. O que vimos foram acusações - que, não por acaso, eram de corrupção ou de incompetência. Ou seja: o que a maior parte dos candidatos e de seus marqueteiros valorizou foram, justamente, os temas do governo dos aristoi, da aristocracia.

Mas o problema, com a aristocracia, é que ela acaba beneficiando seus próprios membros. Quando se torna hereditária, aliás, depressa desaparecem a excelência moral e a competência que ela podia expressar originalmente, para se tornar mera transmissão de privilégios, de pai para filho.

**Transparência.** O que é, então, a democracia? Qual a sua vantagem? A vantagem é a transparência. Vários já disseram que o melhor detergente para a corrupção é tornar transparentes os atos do governo. Quando vieram a público os gastos indevidos com cartões corporativos, vários detentores de cargos tiveram de se demitir. Mas, essencialmente, a democracia é o poder do povo. O povo somos todos nós, virtuosos ou não, competentes ou não. Parodiando o título do romance de Robert Musil, na democracia cada eleitor é um "homem sem qualidades" - negativas ou positivas. Eu não preciso passar por nenhuma prova para votar. Posso, claro, ser privado do voto se cometer crimes, como sucede em muitos países - mas, para adquirir o direito de votar, nada se exige, além da nacionalidade e da idade.

Todos somos iguais, portanto, na urna. Isso não é fácil de aceitar. Muitos se indignam de ver que seu sufrágio vale o mesmo que o de uma pessoa simples. Pois é... Não é porque sou professor, fiz teses ou sou rico, poderoso, que meu voto deve valer mais que o do pobre ou inculto. Na verdade, quando voto, defendo meus interesses - assim como ele. Por muito tempo, a classe média brasileira vibrava com viadutos e avenidas expressas, que foram um desastre para as cidades, mas davam vazão mais rápida a seus carros. Essa classe, embora mais abonada e estudada que a dos pobres foi mais esclarecida?

Obviamente que não. Mas de todo modo, se era legítimo ela votar nas suas convicções ou interesses, mesmo que de curto prazo, também é lícito os pobres votarem em suas preferências ou vantagens.

**Igualdade.** Essa é a dificuldade da democracia. Temos de aceitar uma igualdade que, no fundo, muitos de nós repudiamos.

Temos de aceitar que não há um governo ideal, a cargo dos melhores - e que sempre que isso se tenta, resulta em coisa pior. Acredito piamente que (quase) todos os ditadores do século XX estavam convictos de que governariam melhor do que as democracias. Poriam fim à corrupção, desenvolveriam seus países, etc.

Mas não houve ditadura que, ao acabar, tivesse deixado um legado melhor que o democrático. Em suma: ruim com a democracia, muito pior sem ela.

**RENATO JANINE RIBEIRO** é professor titular de Ética e Filosofia Política na Universidade de São Paulo (USP) [www.renatojanine.pro.br](http://www.renatojanine.pro.br) - **Revista Filosofia, janeiro de 2011**

## **Troca de ano e de Presidente (CONTARDO CALLIGARIS)**

### **1) RÉVEILLON**

Ao longo da costa da Liguria, na Itália, entre Monterosso a Riomaggiore, sucedem-se cinco pequenas cidades (incluindo as duas que mencionei), ditas as Cinque Terre (cinco terras). É possível visitá-las todas, em seis horas, pelo "sendeiro azul", uma trilha que eu já achava grandiosa e emocionante quando, moleque, saía de Rapallo de trem para Riomaggiore e voltava a pé até Monterosso.

O caminho corre no encosto da montanha: de um lado a rocha, do outro, uma queda abrupta para um mar especialmente azul por ser imediatamente profundo.

O que me emocionava era a própria existência das aglomerações, num lugar tão improvável ([migre.me/3oPbE](http://migre.me/3oPbE)). Pois bem, passei a noite do Réveillon em São Conrado, Rio de Janeiro, enxergando, ao leste, os fogos que o Hotel Intercontinental ofereceu a seus hóspedes e, ao oeste, a favela da Rocinha. Parece que, neste fim de 2010, os fogos da Rocinha foram mais alegres do que nunca. Graças à Presidência de Lula, talvez a população da Rocinha tenha acabado o ano com alguma sobra, que deu

para investir na festa do Réveillon.

O fato é que, na comparação, os fogos da Rocinha ganhavam dos do Intercontinental, não pela quantidade ou pela variedade de formas e cores, mas pelo cenário que iluminavam. A cada rosa de luz que explodia no céu, eu via uma vinheta da persistência, da obstinação da vida humana, subindo e se segurando pelo morro.

Senti a mesma admiração comovida que sentia nas caminhadas de Riomaggiore a Monterosso.

Em suma, festejei a chegada do novo ano lembrando-me do seguinte: o que mais aprecio na nossa espécie é sua incrível resiliência - nossa capacidade de continuar existindo com e contra a natureza e com e contra os horrores que nós mesmos não nos cansamos de inventar.

Bem vindos a 2011. Incrível, gente: duramos até aqui!

## 2) Dilma Presidente

Uma leitora, Sofia Segalla, pergunta: "Uma mulher que luta pelo direito de ser protagonista de uma transformação histórica (...) o que essa mulher pode esperar perder? Do que ela está abrindo mão?". Sofia gostaria que eu "falasse a respeito das perdas das mulheres que assumem grandes posições políticas".

Aqui vai, e vou me servir de um clássico insubstituível, "Os Dois Corpos do Rei", de E. Kantorowicz (Companhia das Letras).

Qualquer indivíduo, ao se tornar governante, adquire um "corpo político" e sacrifica (deveria sacrificar), total ou parcialmente, seu "corpo natural". Ou seja, no caso do governante, o corpo oficial (o que desfila na praça e também o que, supostamente, à noite, está sempre debruçado sobre as necessidades da nação) torna-se mais relevante do que o próprio corpo natural, que ama, sofre e goza.

Em março/abril 1985, o corpo político de Tancredo se manteve vivo para salvar a democracia brasileira, enquanto seu corpo natural já estava morto ou quase. Ou, então, o corpo natural do presidente Roosevelt era confinado numa cadeira de rodas pela poliomielite; seu corpo político se ergueu sobre suas próprias pernas nas horas em que a história da nação o exigia.

Desde os anos 1960, paira no ar a ideia de que o governante que se importasse com o seu corpo natural seria mais humano e mais próximo da gente. Certo, mas será que, por isso, ele seria melhor governante? Duvido.

Em regra, no Brasil "cordial", as razões privadas invadem o espaço público; com isso, o corpo natural do político não sai de cena e continua gozando obscenamente de privilégios indevidos, do nepotismo, da corrupção e, naturalmente, da nossa cara.

E Dilma com isso? Pois bem, gosto de Dilma porque, até aqui, ela se mostrou disposta a sacrificar seu corpo natural para o bem do corpo político. Entendo o fato de ela ter desafiado a doença para continuar candidata como o gesto de quem considera que a função pública está acima de sua saúde e de sua vida. Gosto também da reputação de "braba" de Dilma: no papo cordial dominante, quem leva sua tarefa a sério é considerado muito brabo.

Nota: infelizmente, não acredito que esse elogio a Dilma possa se estender a seus aliados, nem a todos seus ministros. Respondendo a Sofia: Dilma, por governar o Brasil, perderá (já perdeu) sua relação com o cotidiano da vida, do amor e da amizade. É uma pena; mas sejamos egoístas: se ela for mesmo uma governante capaz de colocar sua função acima de sua vida concreta, sorte nossa.

[ccalligari@uol.com.br](mailto:ccalligari@uol.com.br) - Folha de São Paulo, janeiro de 2011

## A voz das ruas (MILÚ VILLELA)

**JÉSSICA GOMES DOS SANTOS**, de 17 anos, é um retrato do Brasil em ascensão. Ela vive com o pai em uma casa alugada de três cômodos no Jardim Villas Boas. Há dois anos, eles trocaram o interior da Bahia por São Paulo, em busca de melhores condições de vida.

O pai, soldador, tem quatro anos de ensino fundamental e ganha três salários mínimos. O aluguel consome boa parte da renda. Mesmo assim, Jéssica não abandonou a escola e conclui o ensino médio sem repetências.

Com sete anos a mais de estudo que o pai, ela quer ser fisioterapeuta e frequenta uma ONG em que recebe apoio e treinamento na busca do primeiro emprego.

Em 2010, Jéssica prestou vestibular para uma universidade pública. Nas provas que fez, deparou-se com conteúdos que não foram ensinados nas escolas por onde passou.

Em sua visão, a educação é injusta. Para ela, famílias de alta renda têm acesso à educação de

qualidade em colégios particulares e conseguem entrar em universidades do governo. Os filhos das famílias menos favorecidas, que estudam em escolas públicas, têm que recorrer a faculdades pagas e muitos não conseguem avançar por falta de condições financeiras.

Onde estudou, em São Paulo, Jéssica diz que os professores não davam apoio aos alunos. "Eles não estão interessados e muitos não têm condições de atuar, não querem ajudar os alunos e não têm conhecimento nem experiência para estar numa sala de aula", diz, numa análise sem rodeios.

Indagada sobre qual deveria ser a prioridade do novo governo, ela não titubeia: melhorar a educação, para a conquista de um patamar de vida melhor do que o de seus pais.

O governo Dilma daria um passo gigantesco se convertesse, de fato, as palavras da menina Jéssica em um pilar estratégico de atuação nos próximos quatro anos.

A educação, como nos ensina a adolescente, é o instrumento mais eficaz para consolidar as conquistas sociais dos últimos 16 anos.

FHC nos deu a estabilidade da moeda e modernizou a economia.

O governo Lula transferiu milhares de brasileiros para a classe C, diminuiu a pobreza, turbinou a economia e deu nova dimensão internacional ao país.

Dilma, que dá seus primeiros passos, tem a chance histórica de se notabilizar com o governo da revolução na educação.

O trabalho é desafiador. A educação brasileira, como revelam os dados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) e de outros indicadores, continua entre as piores do mundo, em descompasso com a posição econômica que hoje ocupamos no cenário internacional.

Somos ruins em matemática e em ciências, não dominamos o idioma, a evasão escolar é enorme, a formação dos professores é fraca, a carreira de magistério não é atrativa e faltam modelos de gestão para as nossas escolas. Mas a dimensão dos problemas não deve ser motivo para a inação.

Nações como a Coreia do Sul e o Chile provaram que é possível construir modelos de educação de excelência em curtos períodos históricos. Sem uma educação de qualidade, o Brasil não terá condições de competir num mundo cada vez mais complexo e pautado pelo conhecimento: não teremos capital humano dando suporte às demandas do crescimento.

Nossa torcida nesta caminhada é para que a educação esteja no topo da lista de prioridades do novo governo. Se a educação avançar, Dilma entrará para a história e ficará na memória de Jéssica e de toda uma geração de brasileiros que começa a saborear os efeitos de um país em transformação.

Que a presidente tenha a sensibilidade para ouvir a voz das ruas e abrace essa causa, de todos nós.

---

**MILÚ VILLELA** é membro fundador do movimento Todos pela Educação, presidente do Instituto Faça Parte, do Centro de Voluntariado de São Paulo e embaixadora da Boa Vontade da Unesco. - **Folha de São Paulo, janeiro de 2011**

## **Priorizar os avanços na educação (RICARDO PATAH)**

**PARA UNIÃO GERAL** dos Trabalhadores (UGT), a educação mudará a nossa realidade social e econômica, com reflexos diretos na qualidade de vida dos trabalhadores e na eficiência das empresas, se contagiar todo o país e se transformar em uma mobilização política como a que nos garantiu, por exemplo, o controle da inflação.

A exemplo do Plano Real, a UGT propõe o plano nacional de educação, que deverá ser referência cultural e política para o nosso povo.

Terminadas as eleições, já podemos avançar além dos discursos de campanha e exigir do governo, em todos os níveis, que a educação seja prioridade nacional, integrando a formação desde a educação infantil, com a básica e a secundária para desembocar numa nova capacitação universitária, mais humana, mais integrada, mais brasileira e universal.

Se é para levar a educação a sério, a ponto de termos um plano nacional de educação, temos que vincular investimentos a receitas. E o Fundo Social do pré-sal pode, e deve, financiar a educação em todos os níveis, direcionando parte dos investimentos, por exemplo, para a formação técnica e profissional.

Dessa maneira, resolveríamos um dos imensos gargalos sociais, que é a ocupação dos jovens que convivem com taxas de desemprego três vezes superiores aos níveis dos adultos. Conseguiríamos, também, ampliar a ocupação destes rapazes e moças e mantê-los estudando e se preparando para entrar no mercado um pouco mais tarde, a exemplo do que já ocorre na França e na Alemanha.

Evitaríamos, assim, a exposição às influências criminosas, que encontram campo fértil nos

grandes centros urbanos, com concentração de jovens cheios de energia e desocupados.

O plano nacional de educação que a UGT propõe permeará todas as políticas públicas, responsabilizará e ao mesmo tempo mobilizará todos os níveis e estruturas dos poderes da União, dos Estados e dos municípios, comprometendo, com metas e resultados, todas as instâncias de poder. Vai também gerar políticas públicas muito mais interessantes do que discursos eleitorais.

Estamos, como brasileiros e trabalhadores, cansados de ter um sistema educacional que finge que ensina enquanto induz seus alunos a fingir que aprendem. Por isso, vamos insistir para que se estabeleçam critérios de eficiência vinculados aos fluxos de investimentos.

Para a UGT, a educação deve ser investimento na cidadania que começa desde o berço, alocando investimentos na implementação da rede pública de creches, com inovações no atendimento e na gestão, envolvendo pais e mestres.

O plano nacional de educação vai nos ajudar a caminhar com orgulho em um cenário mundial em que o Brasil ocupará o lugar que merece como agregador de valores culturais, acadêmicos e de desenvolvimento social.

Nosso povo não aceitará mais o obscurantismo das ditaduras, a brutalidade da concentração de renda e a exclusão de seus cidadãos, independente de raça, região do país, opção sexual ou religiosa. Esse é o Brasil que queremos.

---

**RICARDO PATAH** é presidente da União Geral dos Trabalhadores e do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo. - **Folha de São Paulo, Fevereiro de 2011**

## **Mudanças e desafios para o governo Dilma (LUIZ GUILHERME PIVA)**

**NÃO É SÓ O CRESCIMENTO.** Mudanças modernizadoras estão em curso na economia e na sociedade brasileira. A política, como mosaico de atores, ideias e interesses, também.

Mas não como representação partidária. Nessa dimensão, há certa estagnação - que, no ambiente em movimento, vira anacronismo.

Na economia, o dinamismo da produção e das finanças dá papel ativo ao setor público. Põe o investimento no centro da ação privada. Força o mercado de capitais a criar mecanismos. Fundos de pensão e de investimento também ampliam sua participação. Redesenhos societários, amplitude na apropriação de resultados, profissionalização, qualificação, aprimoramento de bens e serviços - enfim, muito distante do país que terminou o século 20.

Na estrutura social há a incorporação de milhões de brasileiros aos mercados de renda, consumo, educação e informação e a melhora dessas condições para um número ainda maior de brasileiros.

Eles estão nos shoppings, cinemas, praias, escolas, fábricas, redes sociais, audiências da TV, no comércio popular e na economia informal e formam entre os empreendedores. Criam, nessa maré montante, um caleidoscópio de relações de produção, identidades, valores e interesses que matiza muito o espectro que vai dos excluídos aos ricos.

É a faixa em que antes se distinguiam o operariado, a pequena burguesia, os profissionais liberais e os intelectuais - a maioria da sociedade. São novos atores, ideias, interesses e formas de representação e de expressão.

Com demandas, exigências, valores e cobranças sobre a economia, o governo, os empregadores, os produtores de cultura, os candidatos, as instituições, a imprensa e as organizações sociais.

Um (muitos) novo(s) tecido(s) político(s). Mais rico(s). Mais moderno(s). Que, cedo ou tarde, porá suas diferenças e ambições na arena para maior controle das decisões. Não é isso a política?

Como distribuir essa variedade nos escaninhos partidários existentes? Uma parte é possível, porque as camadas políticas mudam em ritmos diferentes e porque parte dos partidos consegue se atualizar em certas dimensões.

Mas os atuais partidos, organizados em referências anteriores às mudanças aqui descritas, representam e absorvem essas novas configurações?

Acho que, majoritariamente, não. Conseguem mais nos segmentos tradicionais de elite (econômica, cultural, social) e bem menos nos setores ascendentes e emergentes. É uma questão importante para os partidos e para o sistema eleitoral e representativo.

Mas é importante também para o governo Dilma em termos de formação de equipe, políticas

públicas, imagem, discurso, interlocução e legitimação nas circunstâncias que as mudanças acima apresentam. O presidente Lula decifrou o quadro e foi bem-sucedido. O que aumenta o desafio da presidente Dilma - desde agora, nas suas escolhas iniciais.

**LUIZ GUILHERME PIVA**, economista e doutor pela USP em ciência política, é diretor da LCA Consultores. Publicou "Ladrihadores e Semeadores" (Editora 34) e "A miséria da economia e da política" (Manole). - **Folha de São Paulo, Fevereiro de 2011**

## **Capitalismo: o que é isso? (EMIR SADER)**

**AS DUAS REFERÊNCIAS** mais importantes para a compreensão do mundo contemporâneo são o capitalismo e o imperialismo.

A natureza das sociedades contemporâneas é capitalista. Estão assentadas na separação entre o capital e a força de trabalho, com aquela explorando a esta, para a acumulação de capital. Isto é, os trabalhadores dispõem apenas de sua capacidade de trabalho, produzir riqueza, sem os meios para poder materializá-la. Tem assim que se submeter a vender sua força de trabalho aos que possuem esses meios - os capitalistas -, que podem viver explorando o trabalho alheio e enriquecendo-se com essa exploração.

Para que fosse possível, o capitalismo precisou que os meios de produção - na sua origem, basicamente a terra - e a força de trabalho, pudessem ser compradas e vendidas. Daí a luta inicial pela transformação da terra em mercadoria, livrando-a do tipo de propriedade feudal. E o fim da escravidão, para que a força de trabalho pudesse ser comprada. Foram essas condições iniciais - junto com a exploração das colônias - que constituíram o chamado processo de acumulação originária do capitalismo, que gerou as condições que tornaram possível sua existência e sua multiplicação a partir do processo de acumulação de capital.

O capitalismo busca a produção e a comercialização de riquezas orientada pelo lucro e não pela necessidade das pessoas. Isto é, o capitalista dirige seus investimentos não conforme o que as pessoas precisam, o que falta na sociedade, mas pela busca do que dá mais lucro.

O capitalista remunera o trabalhador pelo que ele precisa para sobreviver - o mínimo indispensável à sobrevivência -, mas retira da sua força de trabalho o que ele consegue, isto é, conforme sua produtividade, que não está relacionada com o salário pago, que atende àquele critério da reprodução simples da força de trabalho, para que o trabalhador continue em condições de produzir riqueza para o capitalista. Vai se acumulando assim um montante de riquezas não remuneradas pelo capitalista ao trabalhador - que Marx chama de mais valia ou mais valor - e que vai permitindo ao capitalista acumular riquezas - sob a forma de dinheiro ou de terras ou de fábricas ou sob outra forma que lhe permite acumular cada vez mais capital -, enquanto o trabalhador - que produz todas as riquezas que existem - apenas sobrevive.

O capitalista acumula riqueza pelo que o trabalhador produz e não é remunerado. Ela vem portanto do gasto no pagamento de salários, que traz embutida a mais valia. Mas o capitalista, para produzir riquezas, tem que investir também em outros itens, como fábricas, máquinas, tecnologia entre outros. Este gasto tende a aumentar cada vez mais proporcionalmente ao que ele gasta em salários, pelo peso que as máquinas e tecnologias vão adquirindo cada vez mais, até para poder produzir em escala cada vez mais ampla e diminuir relativamente o custo de cada produto. Assim, o capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia - que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas. Daí vem o caráter sempre expansivo do capitalismo, seu dinamismo, mobilizado pela busca incessante de lucros. Mas essa tendência expansiva do capitalismo não é linear, porque o que é produzido precisa ser consumido para que o capitalista receba mais dinheiro e possa reinvestir uma parte, consumir outra, e dar sequência ao processo de acumulação de capital. Porém, como remunera os trabalhadores pelo mínimo indispensável à sobrevivência, a produção tende a expandir-se mais do que a capacidade de consumo da sociedade - concentrada nas camadas mais ricas, insuficiente para dar conta do ritmo de expansão da produção.

Por isso o capitalismo tem nas crises - de superprodução ou de subconsumo, como se queira chamá-las - um mecanismo essencial. O desequilíbrio entre a oferta e a procura é a expressão, na superfície, das contradições profundas do capitalismo, da sua incapacidade de gerar demanda

correspondente à expansão da oferta.

As crises revelam a essência da irracionalidade do capitalismo: porque há excesso de produção ou falta de consumo, se destroem mercadorias e empregos, se fecham empresas, agudizando os problemas. Até que o mercado "se depura", derrotando os que competiam em piores condições – tanto empresas, como trabalhadores – e se retoma o ciclo expansivo, mesmo se de um patamar mais baixo, até que se reproduzam as contradições e se chegue a uma nova crise.

Esses mecanismos ajudam a entender o outro fenômeno central de referência no mundo contemporâneo – o imperialismo – que abordaremos em um próximo texto.

Texto retirado do *site* [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br), acessado em fevereiro de 2011

